


INSTITUTO	
	
Documentação	
SOCIOAMBIENTAL	
Fonte	veja
Data	10/3/99 Pg 102-103
Class.	12

## Perfil

# O caçador que virou ecologista

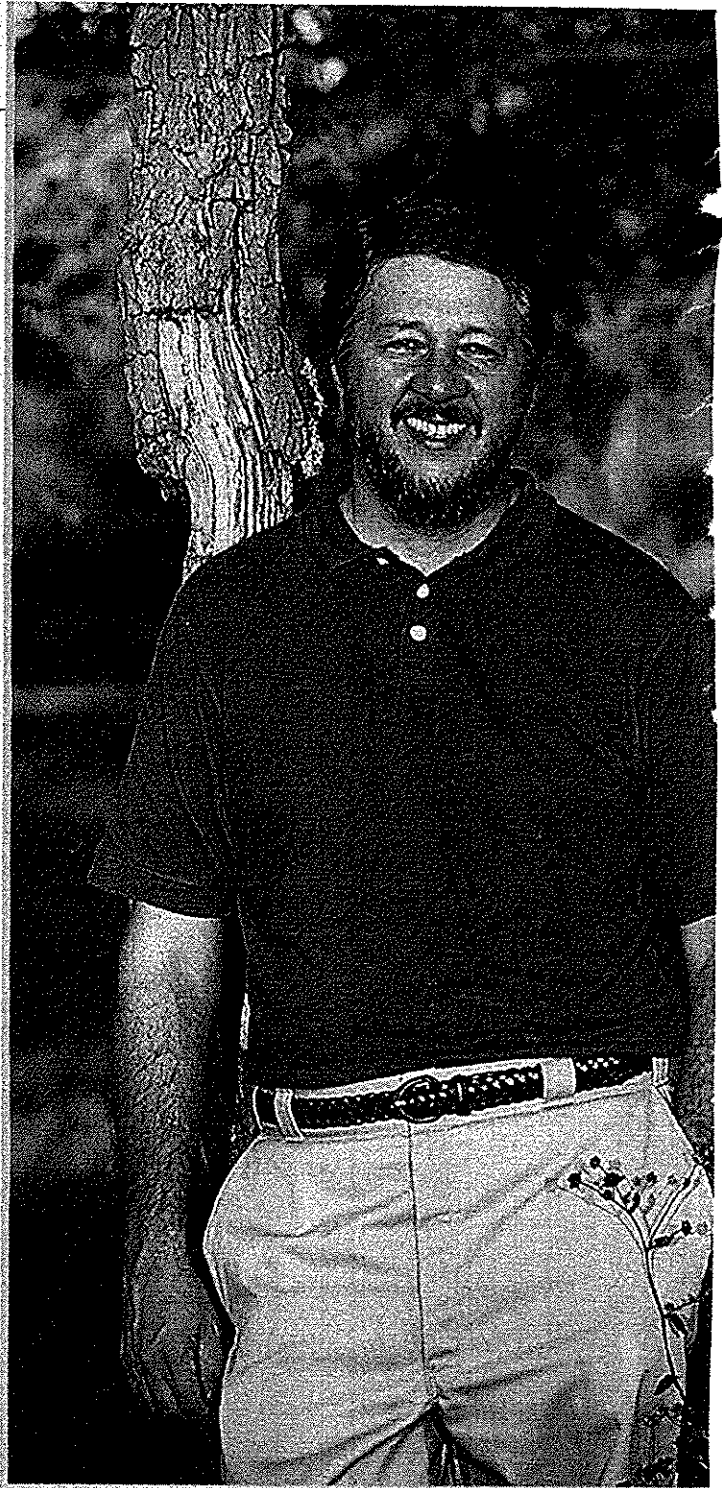
**Cláudio Pádua largou tudo para viver no mato e cuidar de macacos. Hoje, colhe prêmios no exterior**

Marcos Sá Corrêa

**C**omo certos números de trapézio, o currículo do biólogo Cláudio Valladares Pádua só deveria ser apresentado com o aviso: não tente imitar em casa o que ele fez em sua carreira. Aos 30 anos, com a vida arrumada na indústria farmacêutica, saltou de uma cadeira de diretor de empresa no Rio de Janeiro. Aos 40, estreava no interior de São Paulo uma nova carreira, que regulava seu expediente nas últimas reservas de floresta do Pontal do Paranapanema pela rotina do mico-leão-preto — *Leontopithecus chrysopygus* para os íntimos, um bicho esquivo que entrou para a lista das espécies em via de extinção sem merecer por isso a notoriedade internacional de seu primo, o mico-leão-dourado. Mas é por meio de um trabalho que começou com essa vocação para a timidez que agora, aos 51 anos, Cláudio Pádua recebeu em Londres, da Royal Geographical Society, o Prêmio Whitley para a Conservação Internacional da Natureza.

Para os padrões do ambientalismo, o Whitley é quase um Oscar. É entregue pela princesa Anne e inclui um cheque de 25 000 libras — cerca de 85 000 reais — para o projeto premiado. Entretanto quase não foi noticiado no Brasil, e, no exterior, o país anda mais conhecido pelos estragos do que pela preservação da natureza. O que não afeta a cotação de Pádua. Ele fechou 1998 com o Prêmio Henry Ford de Conservação Ambiental e seu Instituto de Pesquisas Ecológicas, o IPÊ, é uma organização não-governamental, ONG, que mantém 25 pesquisadores ocupados com micos, antas, onças e até sem-terra graças a doações internacionais. Pelo menos a metade de seu orçamento, que todo ano fecha no susto em cerca de 300 000 dólares, vem de fora. O IPÊ não tem problemas de crédito no exterior, mas na origem tinha tudo para dar errado.

Cláudio Pádua é um professor corpulento que, na adolescência, tomou gosto pelo mato pelo atalho das caçadas. Deve ser um dos últimos brasileiros que citam Francisco de Barros Júnior, um paulista que quarenta anos atrás enchia estantes com



ANA ARAUJO

a coleção *Caçando e Pescando por todo o Brasil*, uma relíquia do tempo em que se achava que a natureza era aqui inesgotável. Seus livros ainda existem em sebos. Mas o Brasil que ele descreveu nas primeiras décadas do século, atapetado por florestas que cobriam a divisa entre São Paulo e Paraná, desapareceu. E Pádua, que pretendia ser caçador, ficou adulto no dia da caça. Ele vem de uma família de políticos mineiros. É um neto do cacique Benedito Valladares que descarrilou ainda na universidade. Fez um ano de direito, formou-se em administração de empresas, debutou no serviço público, passou pelo mercado financeiro e chegou a decolar como executivo. "Tinha carro esporte do ano, imóveis, investimentos, aquelas coisas todas, quando senti que não nasci para ficar sentado num escritório",

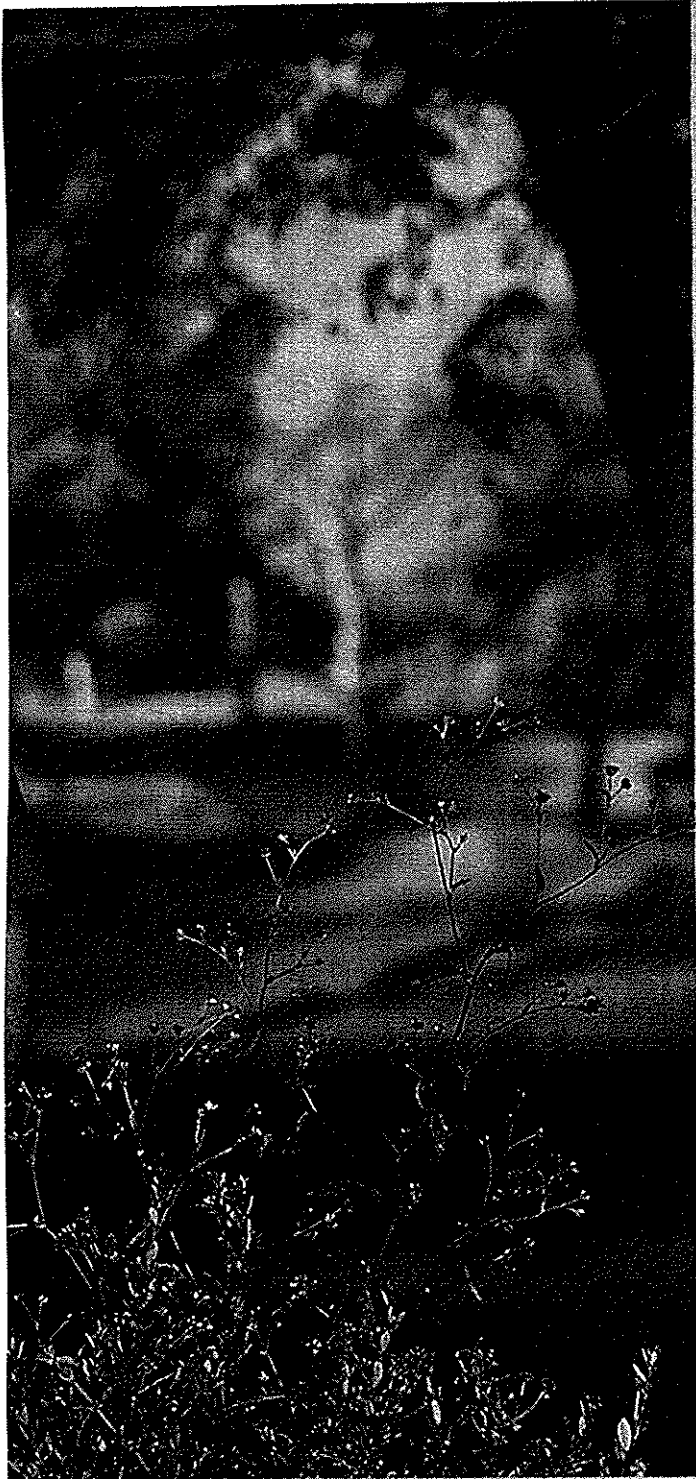
Documentação

SOCIOAMBIENTAL

Fonte: Veja

Data: 10/3/99 Pg 103 cont.

Class.: 12



ra qualquer função num parque nacional. Sugeriram-lhe que se qualificasse com um diploma de biologia. No dia seguinte estava matriculado no curso noturno da Universidade Gama Filho, no Rio. Olhando para trás, diz que dispensou a ajuda da sorte: "Tudo foi difícil, mas transição é assim mesmo. Você tem de estar com muita vontade para fazer uma coisa dessas".

**R**ecém-formado, sacou os pistolões políticos dos parentes para obter uma vaga na equipe do professor Adelmair Coimbra Filho, no Centro de Primatologia do Rio de Janeiro. Técnico de nível médio, ganhando um décimo de seu último salário de administrador. Mas Coimbra tinha mais do que intimidade com macacos, de que é um dos maiores especialistas brasileiros. "Ele me abriu as portas do mundo, porque possuía todas as chaves", diz ele. Ou seja, encaminhou-o a um curso de aperfeiçoamento no Zoológico de Jersey, da Inglaterra. Ali, Pádua encontrou o caminho para o mestrado na Universidade da Flórida. Em 1993 tirava o Ph.D. A mudança levou dezesseis anos. No percurso, Suzana deixou de ser decoradora, mudou-se com ele para os Estados Unidos como estudante de história da arte e acabou instalada numa cabana de madeira no Morro do Diabo, em Teodoro Sampaio, onde o marido andava atrás de micos-leões da manhã à noite. "Ela me contou muito tempo depois que naquela época mal podia me olhar e passava o tempo chorando escondida", ele confessa. Hoje, Suzana, formada pela Universidade da Flórida, dirige no IPÊ programas de educação ambiental. Foi ela que ensinou, por exemplo, a população de Teodoro Sampaio, no Pontal do Paranapanema, a conviver com o santuário ecológico da vizinhança. Ao chegar à região, ela encontrou

**Na adolescência, lia histórias de um Brasil ainda atapetado de florestas. Sonhava ser caçador. Esse país desapareceu, e Cláudio ficou adulto no dia da caça**

um ambiente de indiferença e hostilidade pelas matas do Morro do Diabo. Anos depois, quando um incêndio lambeu a floresta, os moradores da cidade levantaram-se de madrugada para ajudar voluntariamente no combate ao fogo.

Cláudio Pádua também sobreviveu a muito susto. Sozinho no mato, passou horas pendurado por uma forquilha, de cabeça para baixo, no meio de um rio. Já foi convocado nos Estados Unidos para assumir um cargo no Ibama, e, ao desembarcar no Brasil, o convite havia de-

ele conta. Mais de duas décadas e muito sucesso depois, precisou dos 5 000 dólares do Prêmio Henry Ford para que a família pensasse na troca do carro, um Escort com quase dez anos de uso — um Ford, portanto.

Em crise profissional, geralmente se muda de emprego. Ele mudou de encarnação. Era 1977. Já havia nascido o primeiro de seus três filhos. Suzana, sua mulher, tocava uma firma de decoração no Rio e agüentou o tranco na renda do casal. Mesmo assim, enquanto Pádua tentava virar fotógrafo de natureza, a Light cortou-lhe a luz em casa por falta de pagamento. Mas até hoje ele tem a placa que mandou fazer para comemorar a virada: "Grande ano, 1977". Maior ainda foi a travessia. Bateu em tantas portas que, um dia, tentou em Brasília uma nomeação pa-

saparecido na bagunça final do governo Fernando Collor. Nomeado para a direção da The Nature Conservancy em Washington, demitiu-se ao constatar meses depois que estava de volta à clausura de um gabinete. E, o que é mais complicado, foi pastorear micos-leões nos confins de São Paulo e descobriu que o lugar, uma floresta do governo estadual picotada desde os anos 50 por grileiros e políticos, se transformara em front do Movimento Sem-Terra. Fez assim seu último curso, o mais difícil deles: "Aprendi que se nós, os ambientalistas, nos preocuparmos só com os animais eles vão desaparecer da face da terra. Temos de trabalhar com gente". Resultado: os assentamentos dos sem-terra no Pontal do Paranapanema agora incluem seis viveiros de mudas para reflorestamento. ■